



Terra Brasilis

## Terra Brasilis (Nova Série)

Revista da Rede Brasileira de História da Geografia e Geografia Histórica

2 | 2000

Geografia e Pensamento Social Brasileiro

---

# O Bandeirante Euclides

Cassiano Ricardo

---



### Edição electrónica

URL: <http://journals.openedition.org/terrabrasilis/323>

DOI: 10.4000/terrabrasilis.323

ISSN: 2316-7793

### Editora:

Laboratório de Geografia Política - Universidade de São Paulo, Rede Brasileira de História da Geografia e Geografia Histórica

### Edição impressa

Data de publicação: 1 Julho 2000

ISSN: 1519-1265

### Referência eletrónica

Cassiano Ricardo, « O Bandeirante Euclides », *Terra Brasilis* [Online], 2 | 2000, posto online no dia 05 novembro 2012, consultado o 21 abril 2019. URL : <http://journals.openedition.org/terrabrasilis/323> ; DOI : 10.4000/terrabrasilis.323

---

Este documento foi criado de forma automática no dia 21 Abril 2019.

© Rede Brasileira de História da Geografia e Geografia Histórica

---

# O Bandeirante Euclides

Cassiano Ricardo

---

## 1

- 1 No capítulo final da Marcha para Oeste falei a propósito da mobilização dos intelectuais em função de "bandeirar"; isto é, de criar mais Brasil e defendê-lo na sua cultura, nas suas fronteiras morais, no seu novo tipo de civilização.

Citei, então, as duas atitudes da mentalidade brasileira: uma; preocupada com os problemas do nosso hinterland; outra, sofrendo a "hemiplegia do litoral" .

Euclides e Machado de Assis seriam, para mim, os representantes típicos dessas duas tendências contrárias.

Achei que a nova marcha para o Oeste - agora transposta para outro horizonte cultural - tinha que levar consigo, como roteiro, a obra do bravo escritor d'Os Sertões.

Creio que não estava eu dizendo novidade alguma, senão apenas documentando uma realidade, fácil de se ver, a já aceita por todos.

Pois já não havia Lúcia Miguel Pereira justamente a pena que nos brindou com a penetrante biografia de Machado - conferido a Euclides da Cunha o epíteto de "escritor bandeirante"?

## 2

- 2 Vai daí um ilustre escritor luso, o Sr. José de Oliveira, a resolve discordar do meu humilde raciocínio brasílico.

Para êle, numa escolha de livros de viagem para o Oeste, Machado é que deve seguir na "Marcha". Nada mais natural que o bandeirante moderno (estou reproduzindo as suas palavras) levasse consigo "a obra do mais extraordinário prosador que a cultura portuguesa, transportada para o Brasil, produziu, até hoje".

Justificando o seu alvitre, a ainda sob o critério da cultura portuguesa, lembrou mesmo Osório o precedente de umas estrofes do "Lusíadas", encontradas, em pleno sertão, no testamento do bandeirante Pero de Araújo.

De fato; havia nisso o simbolismo da "obra do acaso" a que se referiu Alcântara Machado:

"um fragmento da epopéia dos Gamas a servir de fecho ao inventário do bandeirante obscuro".

Porém, é necessário se lembre que o costume de bandeirar - segundo Anchieta - já era indígena. Se é certo que um bandeirante lia Camões, nas horas vagas, não é menos certo que outro bandeirante lia Cervantes. Tanto assim que um volume das Novelas Exemplares lá está, no rol de outro Inventário.

Aliás, o bandeirante falava muito mais tupi do que português. O português (sirvo-me de um ensinamento de Teodoro Sampaio) só entrava depois, "com o Progresso na administração". E a melhor prova está em que - como nos conta mestre Capistrano - bandeirante queria dizer "conhecedor da língua geral"...

### 3

- 3 Afinal, o que pretendi acentuar, em Marcha para Oeste, é que hoje, como ontem, não é toda inteligência, por mais formosa que seja, que se pode chamar bandeirante.

Assim, procurei documentar a "espécie" de inteligência de que era, ao tempo das bandeiras, dotado o povo do planalto de Piratininga e o grande papel que ela desempenhou na própria irrupção do fenômeno. Só homens "ricos de imaginação" - dizia eu - principalmente os mamelucos descendentes de espanhóis, poderiam criar mitos, como o da Serra Dourada, e meter-se no mataréu em busca das itaberaboçus resplandcentes. Havia, a bem dizer, um tipo de inteligência (aquela que se liga mais à idéia de expansionismo por estar sempre associada a elementos emocionais e motores) que colaborava na ambíção (de ambire, no sentido de brigar, desejar ardentemente) dos cabos de tropa a de todo o seu séquito multicolor, rumo das riquezas fabulosas. Desconhecendo os limites da comparação, da abstração e da experiência, a imaginação só se detinha na fronteira do seu objetivo, que estava sempre além de uma realidade presente a imediata.

Não há de ter sido em vão que o segundo Anhangüera (por exemplo) confiava "mais na fantasia do que na memória" ao procurar a serra que vira em menino

### 4

- 4 Não direi, hoje, que a espécie de inteligência - transposta a bandeira para outro piano de cultura - seja a mesma que influiu na irrupção do fenômeno histórico.

Mas não tam dúvida que, nesse retôrno do Brasil a si mesmo e dada, ao bandeirismo, a significação a que êle tem direito, há escritores que (nada mais lógico) não só pela sua índole, pela sua formação cultural, como também pelo gênero de estudos a que se dedicam, se classificam como bandeirantes, em contraposição aos que se poderiam classificar como europeus, cosmopolitas, litorâneos, embora nascidos no Brasil. E há, também, bandeirantes escritores.

Que dizer, pára citar dois ou três exemplos do passado, de um Couto de Magalhães, de um Tavares Bastos, de um Teodoro Sampaio, de um Barbosa Rodrigues, de um Valdomiro Silveira, de um Afonso Arinos?

Veja-se, no presente, o caso de um Roquette Pinto, que viajou pelo Brasil todo, que visitou Serra do Norte e, com o material lá recolhido, escreveu a sua esplêndida Rondônia. A contribuição do próprio Rondon, do ponto de vista geográfico a etnográfico, quanta coisa revelou para o Brasil, para a nossa cultura.

As bandeiras de hoje terão, assim, êsse caráter de contribuição específica à cultura

moderna. Caráter que - diga-se de passagem - não faltou às tradicionais, às históricas, que descobriram o Brasil em suas origens, em seu "folclore", em suas paisagens nativas, em seus esconderijos quase bíblicos, nos cafundós de sua geografia e da sua etnografia, no estudo das suas riquezas naturais, na sua geopolítica, não faltando, mesmo, uma expedição, no século XVIII, expressamente destinada à exploração "científica" do Tibagi.

Daí Euclides, em perfeita oposição a Machado de Assis.

E que diferença! A inteligência de Euclides vai perscrutar as questões da raça e da terra.

A inteligência de Machado é daquelas referidas por Henry Massis: souffre d'une vacance abominable em face dos problemas brasileiros.

Está sempre contaminando, por um negativismo sorridente mas chuvinha miúda, que corrói, até à medula, tôda e qualquer convicção a respeito dos valores da vida.

Negativismo próprio do litoral. Com passagem por Dostoiewsky, Schopenhauer e Sterne...

Euclides, metido numas botas de cano alto, chapelão quebrado à testa e gibão de algodão, é uma imagem que todos aceitam; é mais que uma imagem, é uma realidade.

Tenha êle sido principalmente um sociólogo, como quer Gilberto Freyre; ou principalmente um historiador, como quer Almeida Magalhães; ou principalmente um preocupado com a justiça social, como quer Menotti del Picchia; ou principalmente um homem público, um idealista político, como quer Mário Casassanta; ou principalmente um geógrafo, como quer Firmo Dutra; ou principalmente um escritor, como quer Elói Pontes; ou principalmente um poeta, como quer Guilherme de Almeida, ou como queria Afrânio Peixoto; em qualquer dessas rutilas facêtas da sua personalidade, êle foi sempre um bandeirante - porque um abridor de cainhos novos, rumo do Brasil.

E Machado de Assis?

Nunca seria um modêlo, ou uma simples indicação, no domínio das virtudes bandeirantes. A sua formação, o seu pessimismo, jamais lhe dariam o ímpeto, a coragem para afrontar o desconhecido. O seu profundo desdém pelo sertão o impediria de se meter com gente rústica ou de falar tupi. O seu desejo de não parecer que era mestiço, escondendo a própria origem, o teria obstado, naturalmente, de se macular na companhia daqueles bandoleros de San Pablo, que queriam acabar com a inquisição a flechadas...

Não é preciso, entretanto, êste divertimento à custa de hipóteses. Bastará o confronto do Brás Cubas com Os Sertões.

## 5

- 5 Em qualquer hipótese, não me parece exato, como supôs José Osório, que o público brasileiro seja "tão atento e enlevado" diante da obra do maravilhoso estilista de Dom Casmurro.

Esta obra é, em virtude de sua natureza - inacessível à média da compreensão popular.

A minoria letrada é que a lê como lê Anatole ou Proust. Machado é um escritor de "elite". Por isso, sua arte, embora admirável, só por exagêro poderá ser tida como fixadora da "maneira de ser" - já não direi dos brasileiros em geral mas dos mineiros e paulistas.

Aquela reserva, aquela timidez, que o ilustre escritor luso atribui a mineiros e paulistas são, antes, a meu ver, produtos culturais que as naturais transformações da sociedade justificam.

Em São Paulo, o fenômeno é bem visível.

Decaindo, economicamente, a aristocracia cafeeira, britânicamente reservada e tímida, em geral, as gerações burguesas (sobretudo as de origem estrangeira) imprimiram ao atual behaviour bandeirante um sentido que até acham desabusado.

A obra do expansionismo conquistador poderia explodir da reserva e da timidez? Ou será produto da imaginação ardente, que explica aquela ambíção capaz de tôdas as correrias continentais?

Aqui está o exemplo de uma cidade que conserva, como uma relíquia histórica, o "rancho" onde Euclides escreveu, Os Sertões - São José do Rio Pardo.

Pois que melhor documentação da preferência dos paulistas pela obra euclidiana, em confronto com a machadiana?

## 6

- 6 Outros gostarão mais dos heróis rutilantes, ou dos heróis de Carlyle. De mim, leio uma página de Euclides e só aí descubro os meus heróis; mais modestos, ignorados.

Meus heróis não estão na cidade grande. Ninguém sabe dêles, porque a cidade grande é a primeira a esquecê-los.

Meus heróis não figuram nas festas de consagração pública. Porque a multidão ruidosa das ruas nunca ouviu falar que os meus heróis existissem, tão calados e tão obscuros são êles. Nas reuniões da cidade grande, gorjeiam os discursadores de sobrecasaca, em nome de teorias importadas. O bis dos aplausos é a consagração barulhenta dos palradores...

Meus heróis são assim. O tapuio vai á frente, lá em cima, amansando a terra a penetrando no segredo do mato virgem. Salta-lhe a onça pintada, na vereda em que pisa. Rápida que nem relâmpago que pulasse tronco acima, embolotando-se na ramagem traiçoeira. Porém, a flecha é mais rápida que o relâmpago. O vulto cai, com a mesma rapidez com que havia saltado da moita; lembra um fruto de côr, que despencasse dos ramos.

Mas "o homem e a paisagem caminham juntos".

Atrás do tapuio, vão os rios que ainda não terminaram a sua tragédia cósmica. Braços enormes, que parecem estar moldando alguma coisa de fabuloso a de bíblico, pelos lugares onde a terra não pára... Onde tôdas as coisas estão ainda tontas de rumor matutino. Onde o paro ara - que foi enterrar-se vivo nos seringais amazônicos - mistura o seu sangue de brasileiro com o sangue barrento da terra monstruosa a amorosa. Sim, a terra não se fixou ainda. Dizem-no geólogos maravilhados e sábios intrusos.

Ilhas andarilhas, blocos de ribanceiras, quadro fotopotamográfico em permanente desarranjo de objetiva. Brinquedo de Deus com a terra. Rio com rodas de barro. Será verdade que o Amazonas - o rio sem delta - é o menos brasileiro dos nossos rios? Canoeiros morenos atravessam o silêncio caótico, por entre alas de jacarés modorrentos, pra saber se é verdade.

Em certa época do ano, o seringueiro esculpe o seu Judas de pano branco e de olhos encarvoados. Joga a caricatura do seu sofrimento na água sem rumo. Chovem pedras sôbre o mostrengo.

Apedrejamento simbólico. Gênese.

Mais pra cá, é o mané-chique-chique que Ildefonso Albano contrapôs à indolência do jeca, inventado por Monteiro Lobato. Filho da natureza escaldante, "segura o sol pelas crinas". Tempestades imóveis de sol nordestino gretam o solo, torrado num fôrno de estrêlas... "São os sinais comemorativos de uma moléstia cíclica"... O próprio sol é uma estrêla que ficou branca e apagou a coroa do arco-íris. Pois o herói do nordeste venceu a batalha. Sóbrio, resistente, tenaz, "formou-se na escola áspera do sofrimento; é o tipo representativo de uma raça forte a fecunda, destinada a preservar o espírito nacional em tôda parte".

Depois são os pescadores do norte. Conta Roquette Pinto, em seus estudos de

antropogeografia brasileira, o modo por que êles conseguiram domar os "voadores" em bando, que se atiram sôbre a jangada. "Inventaram um processo de pesca sem anzol e sem rêde... Da Praia, o pescador avista ao longe a manta de voadores, correndo e voando em certa direção. Rápido apresta a jangada e larga-a... Nas vizinhanças do cardume esmaga e esfrega nos bordos da embarcação as vísceras de peixes anteriormente apanhados. Então os voadores se precipitam sôbre a jangada, e os jangadeiros os vão colocando dentro das cestas, sem mais trabalho."

Mais ao centro, são os caboclos miúdos do vale de S. Francisco; os únicos que trabalham noite e dia a 2.000 metros de profundidade nos trabalhos de mineração do Morro Velho. Trabalhadores de tôdas as origens têm sido experimentados e "só os bascos e os caboclos brasileiros dispõem de resistência física para essa tarefa de titãs. Fracassaram até os japoneses".

Mais a oeste está o cuiabano, lutando contra os pântanos inóspitos do Guaporé. O guaicuru cavaleiro e o paiaguá canoeiro esclarecem, no caboclo cuiabano de hoje, a capacidade do vaqueiro e do zingueiro que o torna insubstituível em seu estilo de vida.

E os canoeiros do Cabrobó? E os remadores do Tocantins? E os domadores dos rios, atravessando em duas braçadas os "chupadô" e os "frevô" da água espumante e barulhenta? E o gaúcho "peleador, inimitável numa carga guerreira, em que entra com despreocupação soberana da vida?"

## 7

- 7 Curimbabas, faiscadores de diamantes, fundadores de cidades, laçadores de touros, meus valentões de pala ao ombro e de esporas de prata arrastadas no chão com o barulho das botas!

Meus caboclos espadaúdos e magros, que chegaram primeiro ao Brasil que estamos buscando - ponto de convergência pra tôdas as raças que vêm procurar a prosperidade debaixo do nosso céu.

Piraquaras, nhambiquaras, caiçaras, matutos, jagunços, guascas...

São êsses os que se empenham na posse daquilo que os nossos antepassados marcaram caboclamemente no mapa da América. De nada nos serviria essa grandeza territorial, se não mostrássemos que somos dignos dela.

O caipira levou os seus cafezais em marcha batida, criando a maior indústria agrícola do mundo. À porta do sertão, êle é quem recebe o imigrante que chega. Os cafezais passaram pelo vale do Paraíba, logo depois que o caboclo paulista invadiu, à frente da soldadesca verde, o sertão sem esmeralda.

A cidade precisa compreender que o que o Brasil possui de mais seu, e de mais característico, está guardado por êsses heróis obscuros, cuja existência não nos preocupa como deveria preocupar. Eles é que constituem; no dizer de Euclides, "o cerne vigoroso da nacionalidade".

## 8

- 8 O Brasil estava lá dentro.

Os legisladores se reuniam na sala de visitas e se esqueciam, completamente, do que se passava no interior de sua própria casa. Como Tomé de Sousa dizendo que era cedo para penetrar o sertão, assim procedia cada legislador diante do imenso hinterland, e agora com referência às suas populações e aos seus formidáveis problemas. Era cedo, talvez,

para enfrentá-los na solução das questões nacionais.

É verdade que lhes ocorreu, na constituição republicana, "a idéia da mudança da capital para o planalto de Goiás" como se o subconsciente bandeirante houvesse operado no alvitre, que naquela época não passaria do papel.

Raros terão sido os representantes do povo que apelaram para a verdade interior do país, pois a política do litoral, agravada em seus males, lhes deforma a visão pelo exótico e pelo excessivo. As Populações sertanejas - eu diria as populações euclidianas em oposição às machadianas - só figuram nos discursos políticos como elemento para flores de retórica. O próprio Rui, o sábio autor da carta de 24 de fevereiro, não deixa de aludir, mais tarde, ao fenômeno histórico da bandeira, que classificou de "epopéia capaz da tuba épica" mas só o fez em sua espantosa prédica liberal que responde pelo nome de campanha civilista. Tal fato seria suficiente para nas mostrar o erro da mentalidade litorânea então dominante. O fenômeno bandeira constituía um tema para admiráveis orações demagógicas e, por certo, nacionalistas. Não um convite ao estudioso, no exame da melhor forma pela qual deviam ser plasmadas as nossas instituições políticas.

Grandes nomes não nos faltaram pra resolver os problemas da organização nacional. As causas da Independência, do Abolicionismo e da República foram sustentadas, não há dúvida, por maravilhosas cabeças. Mas poucos terão sido os que pensaram e agiram brasileiroamente.

O sertão, o interior do país continuaram a ser tratados como inimigos.

Talvez pela reminiscência da luta contra os selvagens, ficaria na consciência do litoral o complexo histórico. O antagonismo das duas áreas de cultura, que o bandeirante inculto soube vencer - com a sua mobilidade agreste mas plástica e original - recrudesce de novo, quando a política do litoral se esquece dos seus compromissos com a terra grande e misteriosa.

Os sonhadores liberais não se lembram de que, na ordem de sua complexidade, foram a família o "clã patriarcal" e a bandeira as três unidades básicas de nossa estruturação social e, portanto, política. Esqueceram-se de que as instituições políticas "nascem", não são inventadas. Mesmo os que falam em "obra de arte" política, nada mais fazem do que "concluir o esboço, dar a demão intelectual, polir e disciplinar as formas vivas que nasceram, mercê daquele esforço, às vezes anônimo, de direção e de comando". As instituições políticas jamais serão o resultado exclusivo da vontade humana.

Pois bem. Foi Euclides o maior denunciador desse conflito entre o hinterland e a cidade. O estudo do homem brasileiro, hoje em voga, éle o realizou a golpes geniais de desbravador, ao fisgar as populações sertanejas e o que elas significam na formação da nacionalidade.

Coube-lhe a glória decisiva de chamar a atenção dos nossos estadistas e sociólogos políticos para um material humano que não tinha sido aproveitado, nem compreendido sequer. Clamou éle contra semelhante injustiça, retratando o drama de Canudos como o crime coletivo de uma civilização incapaz (como diria Afrânio), em relação a "uma sociedade incompreendida e olvidada".

O Pajeú, o Pedrão cafuz, o major Sariema, o Chico Ema, o astuto João Abade, "chefe do povo", o Antônio Beato, o Raimundo Bôca Torta foram heróis a seu modo, em torno do "gnóstico bronco", que desejava uma república também a seu modo - misto de monarquia e comunismo - "e que pregava, coerente, a rebeldia contra as novas leis".

Nem era só Euclides quem tinha razão. Há uma verdade ainda mais dolorosa.

Metido no seu camisolão azul, o burlesco apóstolo de Canudos - éle mesmo - dizia: "Em verdade voz digo, quando as nações brigam com as nações, o Brasil com o Brasil..."

E - com franqueza - que foi o drama que culminou na "Tróia de taipa dos jagunços", senão

o Brasil em briga com o Brasil?

E que outra coisa será, senão briga do Brasil com o Brasil o que hoje se chama conflito entre as populações machadianas e euclidianas?

O litoral ainda não tomou conta do seu dever para com o sertão. O bacharel e o caboclo ainda não se entenderam. O homem de colarinho duro ainda legisla para o homem de pés no chão.

O litoral pratica dois crimes ao mesmo tempo: o de abandonar o sertão ao deus dará do seu destino e o de querer que o sertão pague os crimes e deficiências resultantes desse abandono...

## 9

- 9 Mas, voltemos ao nosso tema para perguntar: Euclides estudou e compreendeu - como era justo esperar-se dêle - o fenômeno bandeirante e o tipo social do desbravador?

Aludindo ao bandeirante, ao jesuíta e ao vaqueiro, que se encontraram às margens do S. Francisco, eis o que afirma o glorioso autor d'Os Sertões:

"Quando, mais tarde, maior cópia de documentos permitir a reconstrução da vida colonial, do século XVII ao fim do XVIII, é possível que o último, de todo olvidado ainda, avulte com o destaque que merece na formação de nossa gente".

- 10 Bravo e desterneroso como o primeiro, resignado e tenaz como o segundo, tinha-lhes a vantagem de um atributo que faltou a ambos - a fixação do solo.

"As bandeiras, sob os dois aspectos que mostram, já destacados, já confundidos, investindo com a terra ou com o homem, buscando o ouro ou o escravo, desvendavam desmedidas paragens, que não povoavam e deixavam porventura mais desertas, passando rápidas sobre as malocas e as catas. A sua história, às vezes inextricável como os dizeres obscuros dos roteiros, traduz a sucessão e o enlace destes estímulos únicos, revezando-se quer consoante a índole dos aventureiros, quer de acordo com a maior ou menor praticabilidade das empresas planeadas. E neste permanente oscilar entre aqueles dois desígnios, a sua função realmente útil, no desvendar o desconhecido, repontava como incidente obrigado, consequência inevitável em que se não cuidava".

- 11 Mas é o próprio Euclides quem corrige, até certo ponto, a sua afirmação de que as bandeiras eram apenas despovoadoras, adiantando-se ao capítulo, hoje, do bandeirismo povoador - a que aludem Oliveira Viana e Roberto Simonsen - quando diz: "a maioria dos criadores opulentos, que ali se formaram, vinha do sul, constituída pela mesma gente entusiasta e enérgica das bandeiras".

Poder-se-ia alegar que mesmo o chamado bandeirante despovoador não despovoava: deslocava as populações indígenas, como mandatário do agricultor, do seu habitat para as fazendas da costa, inclusive do nordeste.

Nem era a bandeira puramente instável, "passando rápida sobre as malocas e as catas", se havia uma sociedade bandeirante. Ou melhor: a marcha para o oeste demonstra, no chamado nomadismo bandeirante, a existência de nítidas constantes culturais. Tão nítidas e constantes como os valores considerados estáveis da casa grande. Foram essas constantes culturais que informaram a história do planalto e, evidentemente a história do Brasil - ao longo do tempo. Não é possível, aliás, falar, no tempo colonial, de uma sociedade, mas de grupos sociais. Foram os valores culturais criados por estes grupos, uns mais pachorrentamente lusos, como os da casa grande, outros mais socialmente dinâmicos e ajustados à terra, como os bandeirantes, que trabalharam pela unidade nacional, que é o sentido vivo de nossa história.

Muito mais exata é a afirmação de Gilberto Freyre: "com o bandeirante, o Brasil autocoloniza-se".

## 10

- 12 Outro ponto em que é possível discordar de Euclides é na sua apreciação do mestiço. É - como fez sentir o mestre de "Casa Grande & Senzala" - o que êle fixou como aspecto da geografia humana brasileira: o seu "fatalismo étnico".

Combatendo o preconceito do litoral em relação ao hinterland, incorreu Euclides, talvez, no mesmo preconceito, quando fez a distinção entre os mestiços do sertão e os do litoral, para afirmar que os primeiros são "superiores" e os segundos "inferiores".

No sertão, são palavras suas, "a integridade orgânica dos mestiços desponta inteiriça e robusta. O sertanejo é, antes de tudo, um forte. Não tem o raquitismo exaustivo dos mestiços neurastênicos do litoral".

Ora, êste conceito, - todos o sabemos - está hoje modificado pelos estudos de antropologia cultural. A suposta "inferioridade" terá outras causas, evidentemente; não é o produto dessa distinção arbitrária, entre litoral e sertão. Nem o sertanejo, que Euclides proclama superior, será o produto apenas de cruzamento de branco com índio; em contraposição ao inferior, o do litoral, que resulta - segundo outra afirmação sua - do cruzamento afro-europeu, dada a fixação do negro da costa. O próprio bandeirismo, em verdade, nem sempre confirma a observação de Euclides; antes, a infirma e contradiz. Formada de tôdas as raças, inclusive a negra, três riscos psicológicos bem marcados formavam a trama moral de cada bandeira: comando, obediência, movimento. E cada côr terá a sua função própria. Enquanto comando, o momento é mameluco; quando movimento, o momento é índio; quando pára, o momento é africano. A contribuição branca e mameluca está no pensamento que a conduz, governando a ação. A contribuição índia está nas caminhadas, no ímpeto guerreiro, nas suas horas de inquietação psicológica. A contribuição negra está nos pousos, nas concentrações em tôrno dos descobertos, no trabalho das minas, na organização das roças para abastecimento da tropa; enfim, nas suas horas de sossêgo psicológico, tão a jeito do africano sedentário.

Não se pode dizer que uma côr seja superior à outra. Além disso, o grosso da tropa são os cafusos, pardos, curibocas, caneludos, pés largos.

## 11

- 13 Tudo o que era material humano cabe aí. Todos os "inferiores" servem. A bandeira os reabilitará e classificará de novo em sua escala hierárquica, bio-étnica e antropogeográfica, social e moral, psíquica a econômica. Dentro dela tomam sentido útil as aparas e arestas humanas que a miscigenação jogou fora, que a metrópole abandonou sem lei, que os conflitos do meio tropical dispersaram, que a terra jogou à margem como detritos do latifúndio.

Lembro-me de que, explicando a progênie dos caborés da Serra do Norte, Roquette Pinto concluiu que muito do que Euclides exaltou como valor da raça indígena são virtudes antes providas das três raças e não só do índio com o branco. "Não faltam elementos para provar que aquêles homens que, antes de tudo eram fortes, tinham farta gôta de sangue negro.

É só reler a descrição do povilêu de Canudos: "Tôdas as idades, todos os tipos, tôdas as côres... grenhas maltratadas de crioulas retintas, cabelos corredios de caboclas, trunfas

escandalosas de africanas, madeixas castanhas e louras de brancas legítimas emaranhavam-se sem uma fita, sem um grampo, sem uma flor".

A mestiçagem, esclarece Roquette Pinto, deu o jagunço; o jagunço não é mameluco, filho de índio e branco. Euclides estudou-o na Bahia; Bahia e Minas são os dois Estados em que mas se espalhou o africano.

O mesmo se pode dizer dos mestiços bandeirantes. Muito cafuso nascia do casamento cristão, promovido pelo bandeirante, de índio com escrava africana ou vice-versa (para usar da linguagem do ato régio, que chegou a instituir pena contra o abuso).

Depois a bandeira levou os negros para a zona do ouro. Muitos iam fugindo pelo caminho como acontece com os de Bartolomeu Pais de Abreu, quando conduzidos para as minas de Cuiabá. Outros fugiam aos magotes, na época da mineração e não perdiam tempo. Transformavam-se nos terríveis quilombolas que iam furtar índias para o cruzamento forçado de que resultaria a progênie dos cafusos.

Assim, o que diz Roquette sobre o sertanejo de Canudos, pode ser dito em relação, também, aos "mestiços que (no dizer de Euclides) foram do Iguaçu às extremas de Mato Grosso, perlongando o vale tortuoso a longo do Paraguai".

O mestiço superior de Euclides não o será, portanto, por ser sertanejo apenas, nem por apenas ser cruza de índio e branco.

O meio social explica a inferiorização ou a superiorização dos tipos étnicos, já afirmava Alberto Tôres, Os males decorrentes da escravidão explicam muito mestiço chamado inferior. As taras físicas dos pais, a cachaça, a sífilis são outras explicações convincentes de muita inferioridade decantada por certos racistas odiosos. Não há dois indivíduos mais diferentes um do outro, do que o mesmo indivíduo comparado a si próprio, quando bem nutrido e quando sofrendo fome, quando instruído tecnicamente e quando sem instrução de nenhuma espécie. A democracia biológica fez o que pôde, no sentido de acomodar as tendências étnicas opostas na soma diferencial do mestiço. O mais é uma questão de caráter social, a cargo do Estado moderno, sensível a todos os problemas humanos.

## 12

- 14 Não quero concluir estas considerações em torno de Euclides bandeirologista, sem dizer que êle compreendeu, nitidamente, o aspecto geopolítico da obra realizada pelos nossos pioneiros.

Os paulistas - diz êle - "desarranjaram tôda a geografia política sul americana". Equivale a dizer: modelando o Brasil, o bandeirante modelou tôda a América do Sul.

Fizeram mais, os paulistas, no seu lúcido entender: realizaram a mais extraordinária marcha colonizadora que se conhece, desencadeada para o poente".

Mais interessante, porém, que Euclides bandeirologista é o Euclides bandeirante. É êle próprio praticando a arte de bandeirar - ou de "sertanejar", como diria um documento de outra época.

Sim, bandeirantes os há até hoje. Em outro horizonte cultural. Alexandre de Gusmão, já em 1750, havia transposto o bandeirismo para o plano da cultura, ao legitimar a obra dos conquistadores, com a aplicação - pela primeira vez - do *uti possidetis* ao direito público internacional.

Bandeirante é, até hoje, o paulista múltiplo, numeroso, que não se contém em si mesmo; o paulista, em sua vocação nacional, o paulista das ações generosas e em ponto grande, o paulista que está sempre adiante dos outros, pelo seu ímpeto de pioneiro e pela sua coragem de avançar.

Geograficamente, paulistas são - como diria o próprio Euclides, os filhos do Rio, de Minas, do Paraná, de Goiás, Mato Grosso e Rio Grande. Houve quem ampliasse a designação ainda mais, dizendo que a fronteira geográfica dos paulistas é o Brasil econômico. Paulista vem a ser, na frase de Normano, o homo economicus brasileiro.

Ao dizer "o bandeirante Euclides", posso fazê-lo em qualquer sentido dessa palavra.

Posso chamar-lhe paulista, com o seu próprio argumento.

E dizê-lo bandeirante, já na insubmissão republicana com que aos 22 anos (em 1888) lança êle aos pés do ministro a sua espada de estudante num gesto de altivez que marcou época; já no próprio físico, pois era êle um caipira, um mameluco, com cerdas de bororó - como o descreveu Alberto Rangel; já no estilo agreste e retorcido - cipó, em forma de estilo - como diria Joaquim Nabuco; já no modo porque escreveu Os Sertões - livro escrito como um bandeirante o escreveria, no rancho que é hoje a vossa relíquia histórica. Mas bandeirante - principalmente - quando acompanha o batalhão paulista a Canudos, como correspondente de guerra, relatando os feitos da expedição. Mas bandeirante no sentido específico da palavra, não só na acepção de desbravador senão também no que essa palavra se liga à idéia de sertão, fronteira, geografia, marcha para o oeste - quando Rio Branco o nomeia, em 1904, para chefe da comissão brasileira ao alto Purus.

A sua viagem, até as últimas vertentes dêsse rio representa, como já se afirmou, "um esforço audaciosíssimo de penetração do nosso território, um dos atos de bandeirismo mais destemidos que esta pátria já viu".

## 13

### 15 Sabe-se como se passaram as coisas.

Assinado o tratado de Petrópolis, em 1903, restava a questão do Peru, que ocupava uma ampla faixa do território nacional no alto Purus. Com o combate da foz do Amonea - conta-nos o historiador - puseram-se pra fora os intrusos. Foi então que, para o restabelecimento definitivo da concórdia, Rio Branco realiza o acôrdo de 12 Julho de 1904, em razão do qual se organiza a comissão mista, chefiada por Euclides.

E então é o bandeirante Euclides, êle mesmo, quem anuncia a sua vocação para pioneiro:

"Para mim êsse seguir para Mato Grosso ou para o Acre, ou para o Alto Juruá, ou para as ribas extremas do Maú, é um meio admirável de ampliar a vida ou de torná-la útil e talvez brilhantíssima. Sei que farei muito. Aquelas paragens, hoje, depois dos últimos movimentos diplomáticos, estão como o Amazonas, antes de Tavares Bastos; e se eu não tenho a visão admirável dêste, tenho o seu mesmo anelo de revelar os prodígios da nossa terra. Além disso, se as nações estrangeiras mandam cientistas ao Brasil, que absurdo haverá no encarregar-se de idêntico objetivo um brasileiro?"

E já impaciente, diante da demora causada por expedientes burocráticos, escreve a um amigo:

"Não desejo a Europa, o boulevard, os brilhos de uma posição; desejo o sertão, a picada malgradada, e uma vida afanosa e triste do pioneiro".

Prestemos a devida atenção a êste ponto.

Ao boulevard, Euclides preferia a vida afanosa e triste do pioneiro. E encarava o futuro com exata visão das coisas brasileiras:

"O futuro confirmará, talvez, estas conjeturas; e sem o aguardar, eu, se fôsse govêrno, trataria de garantir as três largas brechas do Javari, do Juruá e do Purus".

## 14

- 16 Finalmente, em abril de 1905, a despeito da vasante, segue a pequena frota, de lanchas, batelões e canoas.

Tenaz como o primeiro Anhangüera, Euclides afirmava o seu desígnio:

"Conferenciei com o comissário peruano sôbre a situação - e hei de apresentar-lhe o meu alvitre único: para a frente: mesmo que seja a pé".

- 17 E - logo após - o seu relato da expedição é igual, sem tirar nem pôr, ao de Silva Braga em relação à expedição do segundo Anhangüera:

"Há dois anos, num entardecer de julho, eu chegava, com os restos de urna comissão exploradora, à foz do Cavaljani, último esgalho do Purus, distante 3.200 quilômetros da confluência dêste último no Amazonas; e tão perdido naquelas solidões empantanadas que nenhuma carta o relevava. Éramos nove apenas: eu, um auxiliar dedicadíssimo, o Dr. Arnaldo da Cunha, um sargento, um soldado e cinco representantes do todas as côres reunidos, ao acaso, em Manaus. E aí chegáramos absolutamente sucumbidos. A nossa comissão dispersara-se, coagida pelas circunstâncias. Naufragáramos em caminho; e os salvados da catástrofe mal bastariam àquele reduzido grupo de temerários. De sorte que ao atingirmos aquela estância remota já nos íamos, há dias, num terrível quarto de ração, de restos de carne sêca e restos de farinha, que eram o nosso desespero e a nossa última salvação, sem nenhum outro gênero atenuando-nos a dieta inatural. Para maior desdita os empecilhos à marcha cresciam com o avançamento; maiores à medida que diminuía os recursos. O rio, cada vez mais raso; quase estagnado nos estirões areentos, ou acachoando em corredeiras intermináveis, requeria trabalhos crescentes e verdadeiros sacrifícios. Já não se navegava: as duas pesadas canoas de itaúba iam num arrastamento a pulso, como se fossem por terra; e os remos, ou os varejões transformavam-se em alavancas, numerosíssimas vêzes, para a travessia dos trechos mais difíceis. Ao descer das noites, os homens, que labutavam todo o dia, metidos nágua sem um trago de aguardente, ou de café, que lhes mitigasse aquêle regime bruto, acampavam soturnamente. Mal se armavam as barracas. Na antemanhã seguinte, cambaleantes e trôpegos porque as areias do rio, navalhando-lhes a epiderme, punham-lhe os pés em chagas - retravavam, desesperadamente, a luta da subida do rio que não se acabava mais, tão extenso, tão monótono, tão sempre o mesmo, na invariabilidade de suas margens, que tínhamos a ilusão de nos andarmos numa viagem circular. Abarracávamos; decampávamos; e ao fim de dez horas de castigo parecíamos voltar à mesma praia, de onde partíramos numa penitência interminável e rude..."

- 18 Nem faltavam horas de desânimo e de dispersão como na bandeira do Caçador de Esmeraldas:

"Mas ao chegar naquela tarde à foz do Caivaljani, considerei a emprêsa perdida.

"Os meus bravos companheiros rendiam-se aos revêzes. Atravessei, em claro, a noite. Na manhã seguinte procurei-os, na tentativa impossível de os convencer de mais um sacrifício".

- 19 Mas o reacender de energias, típica do bandeirante, redoura a luta com a natureza:

"E partimos, retravando, desesperadamente, o duelo formidável com o deserto".

- 20 Até que, conseguido o seu objetivo, a comissão do Alto Juruá regressa, já liberta dos sacrifícios que marcaram a viagem até aqueles ínvios lugares.

## 15

- 21 Sôbre a conquista do Acre, que é o mais recente capítulo da marcha para o Oeste, num sentido de expansão geográfica, existe já copiosa bibliografia.

Feita a necessária diferenciação entre os movimentos migratórios e bandeirantes (que não raro se confundem) não há dúvida acêrca do bandeirismo que, generalizado, transposto para outras regiões e outras condições socio-culturais, identifica o arremêso das populações do Nordeste para os extremos confins do território acreano, hoje integrado, depois de lutas memoráveis, ao corpo e à alma do Brasil. Numa página imortal, Euclides descreve êsse bandeirismo do nosso século com os seus "varadouros" - que classifica como "um legado da atividade heróica dos paulistas compartilhado hoje pelo amazonense, pelo boliviano e pelo peruano" - fazendo a ligação das vertentes fluviais entre si, penetrando o deserto com as massas povoadoras, que se valeram dos rios, na montaria das ubás mobilíssimas e repetindo, ainda sob êsse aspecto, a façanha dos bandeirantes na conquista de Mato Grosso.

Os obscuros pioneiros da conquista acreana "prolongam a êstes dias (são palavras de Euclides) a tradição das entradas, que constituem o único aspecto original da nossa História".

Os seringais substituem a miragem do ouro, nessa deslocação dramática de povos cearenses em demanda do deserto ocidental.

Plácido de Castro reedita os Anhangüeras. Rio Branco, com o tratado de Petrópolis, no alvor do século XX, - em relação à posse do acre - revive Alexandre de Gusmão, "o brasílico" do tratado de 1750, que legalizou as conquistas bandeirantes dos séculos XVII e XVIII.

Euclides realiza, dos dois modos, autêntico bandeirismo. Foi o desbravador, tomou parte na marcha para o oeste e ajudou a marcar, no mapa, o perfil geográfico do Brasil.

## 16

- 22 Anuncia-se a nova marcha. É o Brasil organizado que, de novo, caminha para oeste, realizando o seu "imperialismo interno" palmo a palmo.

Fala-se nos traçados das ferrovias que possibilitem a avançada, mas os cursos dos nossos grandes rios, como o Amazonas, o Araguaia, o S. Francisco e o Paraná não são deslembados no exame das possibilidades de transporte.

Indaga-se do material humano mais conveniente, para o povoamento das zonas limítrofes chamadas "fronteiras guaranis". As vias de comunicação rumo da Bolívia e do Paraguai abrem uma nova perspectiva a tão sério problema. As medidas relativas à "nacionalização de nossas fronteiras", das quais Rio Branco foi chamado o Deus Terrninus, reavivam o perfil geográfico do Brasil em hora própria. Fala-se que as terras e riquezas do hinterland estão a pedir "novos bandeirantes, equipados de nova técnica" para as povoar e aproveitar

## 17

- 23 As bandeiras de exploração científica, inauguradas já no século XVIII, às quais os historiadores fazem referência (veja-se a que D. Luís Antônio de Sousa fêz partir para o sertão do Tibagi) deverão também repetir-se, mais numerosas, com o incremento que vão

tendo as expedições para estudos de geografia e etnografia.

Em qualquer hipótese, ainda, tudo indica que o poder público será o primeiro a organizar ou amparar bandeiras que ponham em permanente contacto com a civilização do litoral os centros rurais e sertanejos que necessitam de assistência e benefícios técnicos.

O "povo" e o "Sertão" que serviam de sobrenomes aos homens de Piratininga, continuam a ser duas realidades fundamentais num país como o nosso - onde Le Play teria a melhor prova de que, no mesmo grupo nacional e humano podem "coexistir tôdas as idades no mundo social".

É preciso, contudo, - é este o ponto a que desejo chegar - que o avanço para oeste não realize a profecia de Euclides, quando diz que a civilização avançará nos sertões impelida por essa implacável "fôrça motriz da história" que Gumplowicz, maior que Hobbes, lobrigou, num lance genial, no esmagamento inevitável das raças fracas pelas fortes. Não assim, mas bandeirantemente. E quando digo "bandeirantemente", aludo ao exemplo da história, para o qual já pedi a atenção dos estudiosos, num dos meus modestos ensaios. Doublé de sertanejo e militar, diplomado pelo sertão, só o bandeirante resolvia os conflitos de cultura entre o litoral e a sociedade primitiva. Êle era, a bem dizer, o poder público de pés no chão e culturalmente em condições de penetrar o mundo aborígene ou sertanejo, interpondo-se entre áreas culturais linearmente antagônicas e, portanto, irreduzíveis.

A época é de imperialismo, baseado no tecnicismo - e tôda vez que a civilização do litoral entrar em luta com a sociedade sertaneja, se empregar a violência ao invés da compreensão, terá a resposta que sempre teve: o Brasil em briga com o Brasil.

O sertão, desde o primeiro momento, foi o refúgio dos oprimidos; nêle se escondiam os nativos, tôda vez que viam naus corsárias; nêle foram ter os pretos, que fugiam à escravidão; nêle estará sempre o esconderijo, a fortaleza dos que forem injustiçados pela incompreensão do litoral.

O casamento da cidade com o sertão só resultará, pois, de uma mentalidade mais bandeirante e menos européia.

Mas ao lado das bandeiras para a exploração de riquezas, que farão coincidir a fronteira econômica com a geográfica, três outras espécies de bandeira não deverão faltar: a de assistência técnica e de instrução, a de justiça social e a de saneamento.

Enganam-se os que pensam que os heróis das populações euclidianas valem menos "porque têm na pele a marca do sol do Brasil". Dai-lhes, propõe Roquette, o que lhes falta em instrução; "dai-lhes o que se prodigaliza aos outros; que êles tenham a sua terra e formem o seu lar; que sejam aproveitados, enfim, pela educação, e haveis de vê-los lutar no combate da produção como outrora pelejaram, na luta do descobrimento".

## 18

- 24 Nesta hora confusa, em que as côres do "mapa-mundi" não se fixaram ainda - nada mais oportuno do que uma nova marcha para o Brasil.

"Vamos embora pro Brasil" - é o convite que devemos fazer, uns aos outros. E que nessa viagem caibamos todos, porque ela retomará o fio bíblico e histórico. Será a marcha da unidade brasileira, em busca do "Sol da Terra".

E que nos guie o bandeirante Euclides.

E que o nosso livro de viagem, ao invés dos Lusíadas levado por Pero de Araújo, seja Os Sertões.

E que o nosso primeiro pouso, nessa caminhada para o Brasil, seja êste: S. José do Rio

Pardo.  
Cassiano Ricardo